

ENTREVISTA



Surrailly Fernandes Youssef

“Conheci pessoas incríveis, que me ajudaram muito.”

Surrailly Fernandes Youssef ingressou na São Francisco em 2010 e forma-se em Direito neste ano. Durante o curso ela participou intensamente de atividades de extensão ligadas a direitos humanos e passou seis meses na França, em intercâmbio. Nesta entrevista ela fala de seus estudos e descreve suas atividades, que incluem o estágio que faz na Defensoria Pública. Ela também já prestou prova para mestrado e diz que pensa em prestar vestibular novamente, para a faculdade de Ciências Sociais da USP.

JC – Desde quando você pensava em seguir a carreira de Direito?

Surrailly – Acho que comecei a pensar sobre isso quando estava na 7ª série, aos 12, 13 anos. Minha mãe é advogada, talvez isso também tenha me chamado a atenção para estudar Direito. Eu sou de Londrina, no Paraná, e vim para São Paulo porque queria fazer Direito na USP.

Por que veio estudar aqui no Etapa?

Escolhi o Etapa por acreditar que ele poderia me dar todo o suporte para me preparar. Na verdade, fiz testes em algumas escolas e o Etapa foi o que me ofereceu o melhor programa de estudos.

Sua adaptação no colégio foi tranquila?

Bem difícil para mim. É um nível de ensino bem diferente do que eu tive na minha cidade. Eu estudei em colégios muito bons no interior, só que principalmente a parte de Exatas não era tão forte quanto no Etapa. Esse foi o meu primeiro desafio quando comecei a estudar aqui, porque as apostilas, os exercícios são bem difíceis. Precisei me dedicar muito mais na parte de Exatas. Estudava muito, mas isso não significa que não tive dificuldades no percurso. Peguei várias recuperações de Matemática durante o 3º ano.

Além da Fuvest, você prestou quais vestibulares para Direito?

Prestei também Fundação Getúlio Vargas e Mackenzie.

Você chegou a pensar na possibilidade de não passar na Fuvest? O que você faria?

Cheguei. Eu tinha passado na FGV já, a 2ª fase da Fuvest foi depois. Cheguei a pensar muito que não ia passar porque no meu ano Matemática passou a ser matéria específica para Direito. Saí da prova achando que não ia passar, mas deu tudo certo.

Como foi o início na São Francisco?

No 1º ano são muitas matérias e o início é difícil porque você não está acostumada a estudar leis, códigos, você tem de se adaptar a uma linguagem que não tinha no Ensino Médio. A gente vai ter contato com um pouco de Introdução ao Estudo do Direito, vai trabalhar com Filosofia do Direito, conceitos básicos. Logo no 1º ano já tem Direito Penal, Direito Constitucional, Sociologia, Teoria Geral do Estado.

Essas matérias continuam no 2º ano?

Muitas continuam. Por exemplo, Direito Constitucional continua, mas com enfoque em Direitos Fundamentais. De

ENTREVISTA

Carreira – Direito

1

POIS É, POESIA

Castro Alves (1847-1871)

6

ENTRE PARÊNTESES

Eletrização

8

CONTO

Os pombos – Coelho Neto

4

ESPECIAL

Colégio Etapa sedia a primeira edição brasileira do Campeonato Mundial de Cubo Mágico

7

certa forma, tem Sociologia novamente, mas com enfoque jurídico. Tem matérias de Direito Penal, Direito Tributário, Direito Civil, tem um pouco de tudo. Tem matérias de Criminologia, tem Direito Internacional dos Direitos Humanos, que é uma matéria bem recente. No 1º ano só tive oportunidade de fazer matérias optativas no segundo semestre. Hoje tem muito mais optativas do que quando entrei na faculdade. Mas eu acredito que o mais importante da São Francisco não são tanto as aulas, mas os projetos de cultura e extensão, atividades de pesquisa que os alunos tocam dentro da faculdade. Logo que entrei eu me envolvi em dois projetos.

Quais projetos?

No 1º ano eu integrei o NEI, Núcleo de Estudos Internacionais do Centro Acadêmico XI de Agosto, e participei de um projeto para estudar o Sistema Interamericano de Proteção dos Direitos Humanos. Estou até hoje no NEI. Atualmente sou coordenadora do projeto. Sou supervisionada por um professor.

De que outras atividades você participou?

Ainda no 1º ano eu entrei na Clínica de Direitos Humanos Luís Gama, uma disciplina de cultura e extensão da faculdade, que conta com o apoio do NEI e do Centro Acadêmico XI de Agosto.

O que você fazia nessa clínica?

Trabalhava junto com o Movimento Nacional da População em Situação de Rua, com o Fórum Permanente de Acompanhamento das Políticas Públicas para a População em Situação de Rua de São Paulo e com o Condepe, o Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana. Na época a gente tocava a Ouvidoria Comunitária da População de Rua.

Quanto tempo você ficou nessa atividade de extensão?

Fiquei um ano como aluna na clínica. E fiquei mais um ano como monitora. Organizamos um relatório sobre as violações de direitos humanos que a população em situação de rua sofria e o apresentamos ao Condepe. Depois a gente montou boletins sobre alguns temas que perpassam a situação de rua, como o trabalho, a discriminação de gênero, a vulnerabilidade, a precarização principalmente dos órgãos de assistência social que prestam serviço para essas pessoas.

Você teve mais alguma atividade extra?

Dentro do projeto para estudar o Sistema Interamericano de Proteção dos Direitos Humanos, além do estudo teórico do sistema, estudo de casos, decisões, a gente decidiu que uma forma de estar mais próximo e entender como são esses sistemas seria participar de competições de julgamentos simulados.

Como são esses julgamentos?

Julgamentos simulados, as chamadas *moot courts*, são uma metodologia norte-americana de ensino. Você simula uma

sessão de julgamento perante uma corte. São casos hipotéticos sobre diversos temas. No meu 2º ano da faculdade, em 2011, eu fui como oradora, arguindo o caso, para uma competição de julgamentos simulados do Sistema Interamericano de Direitos Humanos. Essa competição, que está em sua 20ª edição, é organizada pela American University Washington College of Law, em Washington. O tema do caso era direito das crianças, focado no tráfico de meninas para exploração sexual e também na questão penal juvenil – como crianças são tratadas pelo sistema de Justiça quando cometem crimes. Você tem que arguir perante uma corte formada por pessoas convidadas que trabalham com direitos humanos em organizações não governamentais, pessoas que trabalham na Comissão Interamericana de Direitos Humanos, professores que estudam o tema. Nós arguimos o caso perante esses juízes, que fazem perguntas para testar os nossos argumentos na exposição. Desde 2011 eu participei de três competições.

Onde foram as outras duas competições?

Participei da competição de julgamento simulado em desenvolvimento sustentável que é organizada pela FGV do Rio em conjunto com a Universidad Los Andes, da Colômbia, Universidad Rafael Landívar, da Guatemala, e a Tulane University, de New Orleans, Estados Unidos. A outra competição de que participei, em 2013, foi a Price Media Law Moot Court Competition, da Universidade de Oxford. A primeira fase foi em Nova York, fase regional das Américas. Seis equipes passavam para a etapa mundial, em Oxford. A competição, com foco em *media law*, é para estudar direito à privacidade, à liberdade de expressão, face às novas tecnologias. Ganhamos como a melhor equipe da América do Sul e fomos para a etapa mundial.

Você fez estágios durante o curso?

No 1º e no 2º ano não fiz estágio. Quando comecei a me envolver com a temática de direitos humanos, percebi que não seria escritório o lugar para estagiar. Eu procurei estágio na FGV. Alguns professores contratam estagiários para ajudar em pesquisas e concursos. Estagiei com o professor de Direito Internacional Público da FGV em 2012, no meu 3º ano da faculdade, com pesquisa de Direito Internacional Público.

Você ficou quanto tempo nesse estágio?

Quase um ano. Saí por conta da competição da Price Media Law, tive de me dedicar para isso, e também por causa do intercâmbio que queria fazer na França. Precisava estudar para os testes de francês. Desde o começo na faculdade eu pensava em intercâmbio, até porque eu queria fazer Direito Internacional e achava que era uma oportunidade de estudar um pouco mais o tema.

Quando você fez o intercâmbio?

No segundo semestre de 2013, no meu 4º ano. Optei por fazer o processo seletivo no primeiro semestre do 4º ano para viajar no segundo semestre.

Você foi para onde?

Para o Sciences Po, Institut d'Études Politiques de Paris. A São Francisco tem um acordo com a Sciences Po, que é uma faculdade muito interdisciplinar, e como eu sempre estudei direitos humanos, que é uma matéria interdisciplinar, envolve Ciências Sociais, Ciências Políticas, eu me interessei em pensar o Direito de forma interdisciplinar.

O que você estudou em Paris?

Eu escolhi matérias que não tinham foco só em Direito, eram bem interdisciplinares. Foi bem difícil. Na verdade, mais difícil até que a faculdade de Direito da USP. Exigiam muitas formas de avaliação, exigiam que eu fizesse artigos no final de cada matéria. Foi uma experiência incrível porque aprendi demais. A minha tese de conclusão de curso, na São Francisco a gente chama de láurea, tem muito do que eu aprendi no intercâmbio.

Que matérias você fez na França?

As matérias têm nomes muito diferentes no Sciences Po. Fiz Ciências da Paz, Ciências do Conflito, Sair da Violência Política, que é uma matéria que discute um pouco sobre justiça de transição. O enfoque dela é trabalhar como os países saem de crises após conflitos políticos, ditaduras militares e como lidar com isso e com as relações que ocorreram no passado. Mas também com a reconstrução tanto do país quanto de uma democracia. Eu fiz uma matéria que era mais focada em relações internacionais, chamada Espaço Mundial, que tinha o enfoque de estudar um pouco Teoria das Relações Internacionais, organização entre os estados, temáticas que perpassam as relações internacionais. Fiz diversas outras matérias.

Quando você voltou para São Paulo?

Em fevereiro de 2014.

Você estava então em seu 5º ano na USP e, por conta do intercâmbio, 4º ano no curso de Direito?

Isso. Ainda tinha de fazer matérias obrigatórias do 4º ano.

Depois que voltou, o que mais você fez de matéria na São Francisco?

Tinha matérias obrigatórias em Direito Civil, Tributário. Voltei para o NEI, mas agora como treinadora dos oradores que vão para as competições. Aí fui novamente procurar estágio. Como eu estava avançada na graduação, pensei em

ter algumas experiências profissionais. Acabei trabalhando numa organização não governamental, o Instituto da Paz. Trabalhei na área de gestão do conhecimento, que fazia pesquisas sobre homicídios, roubos, latrocínios. Fazia relatórios, cruzamento de dados, aprendi muito a usar o Excel. A gente fez um repositório também para comparar dados de países da América Latina.

Neste último ano, qual é sua maior preocupação?

Neste momento é terminar minha tese de conclusão de curso.

Quais são seus planos para depois de formada?

Agora estou pensando no que realmente eu quero para frente, se vai ser concurso para Defensoria Pública ou se quero tentar estágio em alguma organização não governamental, ou estágio em organização internacional, como o Sistema Interamericano, ou a ONU. Estou pensando em possibilidades.

Você pensa na área acadêmica?

Penso muito na área acadêmica, inclusive prestei mestrado. Estou esperando o resultado sair agora no segundo semestre. Se aprovada, começo no ano que vem. Também penso em talvez prestar vestibular novamente, para a Faculdade de Ciências Sociais da USP.

Que recordações você tem de seu tempo no colégio?

Foi bem difícil, eu estudei muito, aprendi muito. Aqui conheci pessoas incríveis, que me ajudaram muito.

Das atividades extras que você teve no Etapa, alguma marcou mais você em seu dia a dia?

Uma coisa muito importante que eu tive no Etapa foi o Clube de Cinema. E também o Clube do Livro. Eu recomendo a todo aluno fazer parte deles, porque me ajudaram muito a pensar um pouco além das matérias que eu tinha no dia a dia. Até hoje muitas das coisas que aprendi nos clubes eu levo para as matérias que faço. Inclusive, uma matéria que eu fiz no intercâmbio foi sobre cinema. O Cinema e o Real é o nome da matéria, como o cinema aborda e interpreta a realidade. Muito do meu interesse por cinema veio do Etapa. Foi bem importante para mim.

O que você diria sobre a opção de Direito para os alunos que ainda estão em dúvida?

Acho que Direito é uma boa escolha.